

GT 1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação

FRONTEIRAS INSTITUCIONAIS E DE IDENTIDADE ENTRE A ARQUIVÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Resumo

Esta comunicação, que faz parte de um projeto maior de pesquisa, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade de Brasília, apresenta alguns posicionamentos de estudiosos, tanto da Arquivística, como da Ciência da Informação, com o intuito de subsidiar a compreensão das relações entre as duas áreas. Com ênfase na identificação atualizada dos vínculos departamentais da Arquivística, são retomadas as questões sobre o *locus* acadêmico-institucional dessa disciplina na Ciência da Informação, apresentadas no ENANCIB/2005. Nesse sentido, a partir da análise dos questionários encaminhados aos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia, são mapeadas e apontadas algumas de suas falas acerca das razões de inserção desses cursos nos respectivos departamentos, bem como quanto às suas noções de pertencimento, como profissionais da Arquivística, à Ciência da Informação.

Palavras-chave: Arquivística, Ciência da Informação, vínculos institucionais, identidade, interdisciplinaridade.

Abstract

This communication, that is part of a bigger project of research, in development in the Program of After-graduation in Information Science in Brasilia University, presents some point of view of studios of the Archival Science and of the Information Science, to subsidize the understanding of the relations between the two areas. Emphasising the present identification of the departmental bonds of the Archival Science, the questions on locus academic-institucional of this discipline in the Information Science, presented in the ENANCIB/2005, are retaken. In this direction, from the analysis of the questionnaires directed to the professors of the courses of graduation in Archival Science, some of its speak concerning the reasons of insertion of these courses in the respective departments are identified and pointed, as well as its slight knowledge of belonging, as professional of the Archival Science, in the Information Science.

Keywords: Archival Science, Information Science, institucional bonds, identity, interdisciplinarity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em seu processo de constituição como disciplina científica e de autodeterminação epistemológica, com que outras disciplinas a Arquivística se encontra, ou seja, estabelece diálogos? Quais são as fronteiras estabelecidas entre a Arquivística e as outras disciplinas científicas? Ela pode ser considerada uma interdisciplina? Ou, contraditoriamente, a Arquivística estaria inserida num processo de buscas, em outras áreas, de conceitos, instrumentos e métodos para refletir e ordenar a pesquisa – a “interdisciplinaridade solitária” – a exemplo da Ciência da Informação? (ALDO BARRETO, 2006).

Iluminados por essas questões e com o objetivo de esclarecê-las, os referenciais teóricos da dissertação que desenvolvemos no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, sobre *A formação da Arquivística como disciplina no Brasil*, subsidiam a compreensão da constituição do campo disciplinar da área, bem como do seu extracampo, ou seja, das relações que estabelece com outras disciplinas e áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, esta comunicação tem por objetivo apresentar os atuais vínculos institucionais dos cursos de graduação em Arquivologia – retomando as questões, por nós apresentadas no ENANCIB de 2005 – e as falas dos seus docentes sobre as razões de inserção desses cursos nos respectivos departamentos, bem como quanto às suas noções de afinidade da Arquivística com a Ciência da Informação, ou seja, como profissionais da Arquivística, quais são seus sentimentos de pertencimento à Ciência da Informação?

Inicialmente, apresentaremos posicionamentos de alguns estudiosos, tanto da Arquivística como da Ciência da Informação, sobre as possíveis relações interdisciplinares que podem existir entre as duas áreas.

Os atuais vínculos institucionais da Arquivística no Brasil, suas razões e as questões referentes ao sentimento de pertencimento à Ciência da Informação, por parte dos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia, foram mapeados mediante a análise dos questionários encaminhados a esses docentes¹, por correspondência tradicional e eletrônica, entre outubro de 2005 e março de 2006.

É essencial ressaltar que, embora, explicitamente, os itens propostos nesse questionário não se referissem às questões interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação, essas questões foram, recorrentemente, citadas por esses docentes como demonstraremos adiante.

FORMAÇÃO E DEFINIÇÃO DE UMA DISCIPLINA CIENTÍFICA

A trajetória de uma ciência, em outras palavras – sua evolução – como bem argumenta Thomas Kuhn (2005), passa por revoluções, num processo que, apesar de aparentemente linear, é marcado por idas e voltas a um somatório de experiências, às vezes isoladas, que se vão compartilhando e se consolidando em comunidades científicas.

Nessa abordagem, Kuhn apresenta sua definição de “paradigmas” – “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2005, p. 13). Nesse sentido, ao analisarem a obra de Kuhn, Nehmy et al (1996) afirmam que, nela,

é extremamente recorrente a idéia de que a ciência é uma prática social cujo alicerce não está assentado sobre uma lógica ou uma racionalidade imanente a esta atividade, mas no consenso de uma determinada comunidade de cientistas a respeito de “*quais são os problemas que devem ser enfrentados e qual a forma de resolvê-los*” (NEHMY et al, 1996, p. 10).

Relacionadas a essa reflexão, podemos recorrer às definições de *habitus* e de *campo científico*, propostas por Pierre Bourdieu. Em relação à primeira definição, ele explica que *habitus* é “entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Quanto à segunda definição, o mesmo autor afirma:

O campo científico é sempre o lugar de uma *luta, mais ou menos desigual*, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua *colaboração objetiva* ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científica disponíveis (BOURDIEU, 1983, p. 136).

Bourdieu ainda assinala que

Existe assim, a cada momento, uma hierarquia social dos campos científicos – as disciplinas – que orienta fortemente as práticas e, particularmente, as “escolhas” de “vocações”. No interior de cada um deles há uma hierarquia social dos objetos e dos métodos de tratamento (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983, p. 128).

Nessa linha de pensamento, uma disciplina científica define-se como:

uma categoria organizadora dentro do conhecimento científico; ela institui a divisão e a especialização do trabalho e responde à diversidade das áreas que as ciências abrangem. Embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que é levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (MORIN, 2005, 105).

Assim, uma disciplina, como categoria específica do campo do saber, tem, por processo correspondente, a *disciplinaridade*, a qual, segundo Japiassu (1976), é uma “progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo” (JAPIASSU, 1976, p. 61). Nessa abordagem, o conceito de disciplina pode ser utilizado como sinônimo daquele de ciência (JAPIASSU, 1976, p. 61). Como alerta Olga Pombo,

Há uma diferença entre a ciência como actividade de investigação e a disciplina como actividade de ensino; no entanto, a ciência é ciência porque os resultados da investigação são, necessariamente, comunicados publicamente. A comunicação (ou ensino) é uma parte substancial do processo de clarificação do pensamento científico e, portanto, da ciência mesma (POMBO, 1993).

Já Geertz enuncia como disciplina tanto a “preparação destinada a produzir um perfil, um modelo de comportamento” como “um ramo do conhecimento e do ensino” (GEERTZ apud GOMES, 2001).

Para nós, há uma distinção entre os conceitos de disciplina científica e de disciplina curricular: a *disciplina científica* é “um ramo particular do conhecimento científico” (WORDREFERENCE.COM, 2003)², enquanto a disciplina curricular integra a prática de ensino.

Nehmy et al lembram que, “o paradigma é um artefato para resolver quebra-cabeças. Então, para ser científica, uma disciplina teria de estar engajada na solução deste tipo de problema” (1996, p. 14).

OS DIÁLOGOS DE UMA DISCIPLINA E O EXTRACAMPO DISCIPLINAR

Como campo de luta, a Universidade é apresentada, por Japiassu, como “*lugar por excelência onde se veicula a ideologia do conhecimento científico, também chamado de racional e objetivo*” (1981, p. 69). Criticamente, ele aponta o “*esmigalhamento do conhecimento*”, que revela uma “*inteligência esfacelada*”:

As “*ilhas*” epistemológicas, dogmática e acriticamente ensinadas, sem portas nem janelas, são mantidas pelas instituições ainda às voltas com o problema da distribuição de suas “*fatias*” de saber, pequenas rações retiradas de um estoque cuidadosamente armazenado nessas penitenciárias centrais da cultura que são as universidades, onde ainda prevalece o espírito de concorrência e de propriedade epistemológica (JAPIASSU, 1981, p. 80).

Esse processo de fragmentação do conhecimento (JAPIASSU, 1976) não se sustenta e passa a reestruturar-se num processo de “*formulação e reformulação contínua do actual corpo de conhecimentos sobre o domínio em questão*” (HECKHAUSEN apud POMBO, 1993), no qual as fronteiras tradicionais entre os saberes são reduzidas e a pluralidade disciplinar ganha espaço (GOMES, 2001).

Na história da ciência as rupturas dessas fronteiras ocorrem quando o tratamento de um objeto conduz ao aparecimento de um projeto interdisciplinar, através do qual as disciplinas envolvidas intercambiam informações, noções, conceituações e teorias, alcançando um esquema cooperativo a partir do qual, não apenas os sujeitos envolvidos diretamente na execução desses projetos tornam-se especialistas com múltiplas competências, mas as próprias gramáticas dessas disciplinas são alteradas, interferindo também na formação dos futuros especialistas dessas áreas (GOMES, 2001).

Nessa perspectiva, uma disciplina visita outras áreas do conhecimento e, ao estabelecer diálogos, se apropria e, muitas vezes, ressignifica conceitos alheios. Os diferentes graus dessas apropriações e (re)apropriações podem ser traduzidos em modalidades de diálogos entre diferentes disciplinas, processo que comumente chamamos de *interdisciplinaridade*.

Não há consenso quanto à definição desse termo, existindo, algumas vezes, até confusão quanto à distinção das modalidades de relações entre duas ou mais disciplinas, como pudemos perceber numa revisão de literatura acerca das definições de multi, pluri, inter e transdisciplinaridade:

Alguns estudiosos definem a interdisciplinaridade de uma forma ampla, sem apontar condições específicas para a sua existência, como é o caso de Morin, Pombo, Berger, Jantsch, Piaget, Marion, Thom, Delattre e Resweber. Outros, já apontam algumas características como definidoras da interdisciplinaridade: Japiassu, por exemplo, indica como condicionantes a “*intensidade das trocas*” e o “*grau de integração real*” de duas ou mais disciplinas no âmbito da pesquisa; Follari se refere à necessidade de constituição de uma nova disciplina; e Palmade fala de uma “*axiomática nova e comum*” (RODRIGUES; MARQUES, 2006, p. 13).

No Brasil, também parece não haver consenso sobre as relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. Anna Carla Mariz (2004) recorre a alguns autores para discorrer sobre as relações interdisciplinares entre as duas áreas. Jardim e Fonseca afirmam que o ponto comum entre a Arquivística e a Ciência da Informação é a informação registrada (1995, p. 41). No entanto, considerando seus objetos, tipos de informação, categorias de usuários e métodos, eles apontam que há uma “*débil interação entre ambas as disciplinas*” (IDEM, 1995, p. 47).

Apesar da Arquivística e da Ciência da Informação partilharem do mesmo domínio de estudos – a informação – os níveis de interação que apresentam são bastante precários. Ainda que a informação seja contemplada por ambas as disciplinas a partir das suas diferentes propriedades e especificidades quanto à produção, uso e disseminação, o território disponível para o intercâmbio teórico e prático mostra-se extremamente vasto (JARDIM; FONSECA, 1995, p. 48).

Assim, para eles, as relações entre as duas áreas não são claras, tampouco interdisciplinares e estão em vias de se estabelecerem em níveis pluridisciplinares (JARDIM; FONSECA, 1995, p. 49).

Em outro artigo, os autores recorrem a Deschatelet, que reconhece a Ciência da Informação

como uma área em gestação constituída por várias ciências da informação como, por exemplo, a **Arquivística**, a **Biblioteconomia**, a **Informática**, o **Jornalismo** e a **Comunicação**, as quais têm como objeto de pesquisa imediatos a transferência da informação (DESCHATELET apud JARDIM; FONSECA, 2000).

Em sua tese de doutorado, Fonseca afirma que as relações de interdisciplinaridade entre as duas áreas ainda não fazem parte da nossa realidade, pois se verifica uma pequena interseção entre a Ciência da Informação e a Arquivística (FONSECA, 2004, p. 120).

No entanto, em suas considerações finais, ela aponta o fortalecimento das relações de interdisciplinaridade no Brasil, com uma “homogeneidade com que dissertações e teses são acolhidas em diferentes programas de pós-graduação, que aponta para um movimento receptivo que ultrapassa as esferas conjunturais” (FONSECA, 2004, p.161).

Junia Guimarães e Silva (1996 apud MARIZ, 2004, p. 30-31) também não considera a existência de pontos de interconexão entre as duas áreas.

Já Mariz, na mesma perspectiva de Silva et al (1999), defende o enfoque sistêmico como um ponto de convergência entre a Arquivística e a Ciência da Informação, afirmando que: “Os sistemas de informação são contemplados tanto pela Arquivística – para documentos que possuam relação orgânica – quanto pela CI – para informações de uma forma geral” (MARIZ, 2004, p. 35).

Pinheiro, ao apresentar um diagrama das faces tecnológica e social da Ciência da Informação, aponta três áreas com relações interdisciplinares mais fortes com a Ciência da Informação: a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia. As relações da área com a Arquivologia, segundo ela, dão-se na existência de um equívoco entre interdisciplinaridade e aplicações (PINHEIRO, 1999, p. 174-175).

A fim de ilustrar os vínculos entre as duas áreas, Gagnon-Arguin recorre à concepção da UNESCO quanto às relações entre as Ciências da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivística, na qual, os três domínios possuem o mesmo objeto, isto é, a informação registrada num suporte, embora de forma distinta (GAGNON-ARGUIN, 1992, p. 210).

No mesmo sentido, Rodrigues (2006), historiciza os esforços empreendidos pela UNESCO, quanto à tentativa de integrar a Arquivística, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, destacando as diretrizes formuladas por essa instituição.

Silva et al (1999) apontam diversas concepções acerca da identidade disciplinar da área:

A Arquivística atravessa um período saudável de debate a respeito do seu próprio objecto, sendo a noção de *arquivo* confrontada com os problemas decorrentes da existência de novos suportes e do uso de novas tecnologias, e igualmente, com uma maior apetência informativa por parte das administrações e da própria pesquisa histórica. Neste contexto, não é de admirar que coexistam opiniões divergentes sobre a própria disciplina, sintoma aliás típico de qualquer momento de transição. Por um lado, há os que continuam a ver a Arquivística essencialmente confinada à problemática dos arquivos históricos, considerando o *records management* como

uma área distinta; por outro, há os que, invocando a “era da informação”, se afastam dos princípios estruturantes da disciplina e vêem a Arquivística como um corpo de doutrinação empírica (ou um somatório de técnicas), cujo único objectivo é responder pragmaticamente às solicitações informativas da sociedade; finalmente, ainda, surgem os defensores de uma nova corrente que encontra na informação arquivística uma individualidade própria, articulada com um modelo teórico preciso – é a defesa da Arquivística como *Ciência da Informação*” (SILVA et al, 1999, p. 156).

Só em 1984 o CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico –, numa classificação das áreas do conhecimento com finalidades práticas, reconheceu a Arquivologia como uma das subáreas, juntamente com a Teoria da Informação e a Biblioteconomia, da área *Ciência da Informação*, por sua vez inserida na grande área *Ciências Sociais Aplicadas* (CNPQ, 1984). Atualmente, na última Tabela de Áreas do Conhecimento, aprovada por essa agência, a Arquivística aparece com idêntica classificação³.

Optando pela classificação de Japiassu quanto aos níveis do processo interdisciplinar, naquele por ele denominado *démarche pluridisciplinar*, poderíamos considerar como interdisciplinares, as relações da Arquivística com a História, a Biblioteconomia, a Informática, a Administração, o Direito e a Ciência da Informação (MARQUES; RODRIGUES, 2006, p. 10-11). Nesse nível, segundo Japiassu, as relações acontecem quanto ao estudo de um objeto sob seus diferentes ângulos, mas sem ter havido, necessariamente, um acordo prévio quanto aos conceitos ou aos seus métodos (JAPIASSU, 1976, p. 120-121).

VÍNCULOS INSTITUCIONAIS DA ARQUIVÍSTICA NO BRASIL

Coincidentemente, a década de 1970 é um marco na trajetória da Arquivística no Brasil, como para a *interdisciplinaridade*, que surge, na Europa, como um movimento reivindicatório de “um novo estatuto de universidade e de escola” (FAZENDA, 1994, p. 18-19). Com relação à Arquivística, no início dos anos 1970, é aprovado um parecer sobre a criação de uma Escola Superior de Arquivo no Brasil (CASTRO, 1979); é realizado o I Congresso Brasileiro de Arquivologia; o Curso Permanente de Arquivo, que funcionava no Arquivo Nacional, desde 1960, é transferido para o espaço universitário, quando, então, começa a funcionar o curso de graduação em Arquivologia da UniRio, antiga FEFIERJ – Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – (ARQUIVO NACIONAL, 1977); e ainda é criado o curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria, em 1977.

No espaço acadêmico, Gomes lembra que o conceito de disciplina

emerge de um contrato histórico entre o desenvolvimento da ciência e a história das universidades, que nas suas origens iniciaram o processo de constituição formal das disciplinas que edificaram os programas nos quais os conhecimentos científicos estão organizados (GOMES, 2001).

Nessa perspectiva, a partir da análise do quadro 1, podemos constatar que dos cinco cursos que, estruturalmente, estão vinculados à algum departamento, todos o estão a departamentos de Ciência da Informação/Documentação.

Quando encaminhamos o questionário para coleta de informações para a dissertação em desenvolvimento⁴, no item referente às razões da vinculação atual de cada curso⁵, no caso, à Ciência da Informação, tivemos como respostas⁶:

- da **UFSM**: “Originalmente esteve junto ao depto de história e logo depois foi criado o depto de documentação para que o Curso tivesse mais autonomia”;
- da **UnB**: “Foi feita uma primeira tentativa pelo Dep. de História. Entretanto, as ações empreendidas resumiram-se às discussões. No início da década de 1990, o então Dep. de

Biblioteconomia passou a discutir a necessidade da criação dos cursos de Arquivologia e Museologia que, juntamente com a Biblioteconomia, formariam as disciplinas da Ciência da Informação”;

- da UEL: “Porque foi concebido e planejado sob o enfoque da Ciência da Informação”;

“A proposta de criação do curso surgiu no Departamento de Ciência da Informação em razão de uma pesquisa realizada pelos docentes do Departamento junto à comunidade da região, na qual se constatou o interesse e a necessidade por parte das empresas de possuir no seu quadro funcional um profissional capacitado para trabalhar com a gestão de documentos/informação registrada”;

- da UNESP: “Porque o Projeto Pedagógico do curso aposta na CI como elemento basilar e teórico para os dois cursos que contempla: Arquivologia e Biblioteconomia”;

“Porque a Ciência da Informação atua como base teórico-metodológica dos saberes que nortearão os fazeres específicos de três profissionais: o arquivista, o bibliotecário e o museólogo” (referência à *Proposta de criação do curso de Arquivologia*, 2002, p. 6).

VÍNCULOS DE IDENTIDADE ENTRE A ARQUIVÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Yolla Polity (2000) apresenta, em seu artigo sobre *A comunidade científica das Ciências da Informação*, dados e reflexões acerca do grau de coesão quanto ao sentimento de pertencimento dos cientistas da informação na área. Dos resultados obtidos a partir de entrevistas, essa autora observa que há um “fraco sentimento de coesão entre os docentes-pesquisadores das Ciências da Informação” (POLITY, 2000, tradução nossa). O sentimento de pertencimento desses docentes à comunidade científica da Ciência da Informação é constatado por ela como uma difícil questão de se caracterizar e, por esse motivo, há uma ausência de consenso por parte dos entrevistados.

Ela ainda aponta as razões mapeadas quanto ao frágil desenvolvimento das Ciências da Informação na França:

- ausência de uma linguagem comum, de projeto nacional, de política de pesquisa, de reconhecimento do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*), de infra-estrutura de pesquisa, de um quadro geral das tarefas administrativas dos docentes;
- isolamento nas UFR (*Unité de formation et de recherche*);
- número crescente de formações com finalidades profissionais e poucas voltadas para a pesquisa;
- e ausência de reflexão epistemológica, de visão global e ampla, à qual as pessoas possam se aderir.

No caso dos vínculos institucionais dos cursos de Arquivologia do Brasil, como observamos no quadro 1, a maioria desses cursos está vinculada a departamentos de Ciência da Informação/Documentação.

No questionário, enviado aos docentes desses cursos, uma das questões referia-se às suas opiniões acerca desses vínculos, quanto ao atendimento dos objetivos da disciplina. Apesar de, objetivamente, essa questão não mencionar as relações de afinidade entre a Arquivística e a Ciência da Informação, isto é, quanto ao sentimento de pertencimento dos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia à Ciência da Informação, constatamos nos questionários respondidos que, dos 29 docentes que concordaram com o vínculo atual do seu curso ao seu departamento, 12 apontaram, claramente, a existência de relações entre as duas áreas, como aspectos que justificassem seu posicionamento quanto aos vínculos desses cursos. Sintetizando, as justificativas desses docentes apontaram para:

- a Biblioteconomia e a Arquivística são áreas que mantêm estreitas relações, por pertencerem à grande área *Ciência da Informação* e por serem ofertadas pelo Departamento de Ciência da Informação;
- há uma relação da Arquivologia com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação no tratamento, organização e disseminação da informação e com efeito nas questões epistemológicas comuns às duas áreas;
- tanto a Biblioteconomia como a Arquivologia encontram um espaço de interlocução na Ciência da Informação;
- as relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação acontecem sob a perspectiva de um tronco comum de disciplinas para a Biblioteconomia e a Arquivologia
- a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia se constituem na base da Ciência da Informação;
- a Arquivologia e a Ciência da Informação são áreas que mantêm estreitas relações;
- há uma inserção da Arquivística na Ciência da Informação, pelas exigências do mundo do trabalho;
- o maior número de disciplinas do curso de Arquivologia é oferecido pelo departamento de Ciência da Informação;
- a proposta de criação do curso de Arquivologia, vinculada ao Departamento de Ciência da Informação, atende, na sua concepção curricular, tanto os interesses comuns, quanto os específicos dos alunos de Biblioteconomia e de Arquivologia.

Ainda na mesma questão e mais especificamente, sobre a possível interdisciplinaridade entre a Arquivística e a Ciência da Informação, também não sugerida na questão, alguns docentes defenderam: a existência de interdisciplinaridade entre a Arquivística, a Biblioteconomia, o Direito, a Administração e a Ciência da Informação; “laços interdisciplinares” entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação; o fato de os alunos terem aulas com professores de outros cursos promove uma formação mais completa e interdisciplinar.

Por outro lado, também foi observado um posicionamento crítico quanto à interdisciplinaridade entre a Arquivística e a Ciência da Informação, justificado da seguinte forma: “as relações interdisciplinares entre as áreas nem sempre são bem exploradas”.

Em outra questão do mesmo questionário, perguntávamos “Com que área do conhecimento você acha que a Arquivologia tem mais identidade?” e apresentávamos como alternativas: Ciências Sociais, Ciências Humanas e outras (especificar), solicitando justificativa para a opção.

Também nesse item, alguns docentes mencionaram relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação no âmbito:

- das Ciências Sociais: a Ciência da Informação integra a área das Ciências Sociais;
- das Ciências Sociais e Humanas: posição inter e transdisciplinar da Arquivística com a Ciência da Informação, História e com as Ciências Informáticas; ligação da Arquivologia com a História, Administração, Direito, Ciência da Informação e Comunicação; relação com a Ciência da Informação (Ciências Sociais) e com a História (Ciências Humanas);
- das Ciências Sociais Aplicadas: a interdisciplinaridade com as áreas de Humanas, Administração e as Tecnologias da Informação, faz com que sua episteme se aproxime de uma ciência social mais prática;

- da Ciência da Informação: fornece as bases teórico-metodológicas para a formação do profissional da informação, conservando as especificidades da Arquivologia e da Biblioteconomia; “há, no objeto de estudo arquivístico, a manifestação de um fenômeno informacional específico, pautado por uma ambiência (o arquivo), um valor (a prova) e uma metodologia de organização”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não haja consenso quanto à existência de interdisciplinaridade entre a Arquivística e a Ciência da Informação, por parte dos estudiosos dessas áreas, pudemos perceber, na análise de duas questões do questionário encaminhado aos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia, a identificação de relações interdisciplinares entre as duas áreas, seja por aspectos epistemológicos, seja por aqueles referentes às especificidades comuns dessas disciplinas quanto aos seus objetos de estudo e suas metodologias de trabalho ou quanto à grande oferta de disciplinas pelos departamentos de Ciência da Informação.

A exemplo da França, tanto a Arquivística como a Ciência da Informação são áreas de estudo incipientes no Brasil.

No entanto, se observamos atentamente as relações teórico-epistemológicas existentes entre elas, conjugadas com seus vínculos institucionais e as falas dos docentes quanto a esses dois primeiros aspectos, podemos apreender o caráter interdisciplinar da Arquivística não apenas em níveis administrativos, mas, também, em termos de produção científica.

Embora não seja objeto desta comunicação e retomando estudos anteriores, percebemos que há um número considerável de dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, com temáticas voltadas ou pelo menos relacionadas à Arquivística.

Esse número pode, talvez, se justificar pelo fato de, em quatro universidades que possuem o curso de graduação em Arquivologia – UFBA, UNESP, UnB e UFF – existem, também, cursos de mestrado e/ou doutorado em Ciência da Informação⁷.

Por fim, seria interessante pensar se essa autonomia da Arquivística em relação à Ciência da Informação, apontada na proposta da nova Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq, alteraria a atual vinculação dos cursos de graduação em Arquivologia, propiciando novos diálogos da Arquivística com outras disciplinas, em termos institucionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL. **Mensário do Arquivo Nacional**, ano VIII, v. 11, Rio de Janeiro, nov/1977.

BARRETO, Aldo. Lista de discussão abarreto-l. **Não podemos inventar sentidos a nosso bel prazer**. Disponível em: <odla@centroin.com.br>. Acesso em: 14 jun. 2006.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122-155.

CASTRO, A. M. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, I. Associação dos Arquivistas Brasileiros. 1972, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Brasília, 1979.

CNPQ. **Áreas do conhecimento**: classificação, Brasília: CNPq, 1984.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e Ciência da Informação**: (re)definição de marcos interdisciplinares. 1997. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GAGNON-ARGUIN, Louise. **L'Archivistique. Son histoire, ses acteurs depuis 1960**. Québec: Presses Universitaires du Québec, 1992.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramaZero**, v. 2, n. 4, ago/2001.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **INFORMARE**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 1995.

_____. A informação como campo interdisciplinar. **Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Informação**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/neinfo/artigoinfo.html>>. Acesso em: ago/2000.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cenário Arquivístico**, v. 3, n. 1, p. 29-36, jan./jun. 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NEHMY, Rosa Maria Quadros. et al. A ciência da informação como disciplina científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 9-25, jan./jun. 1996.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Campo Interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. In: Pinheiro, Lena V. Ribeiro (org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Brasília/Rio de Janeiro, IBICT/DDI/DEP, 1999, p. 155-182.

POMBO, Olga. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, Olga; LEVY, Teresa; GUIMARÃES, Henrique. **A interdisciplinaridade**: reflexão e experiência. Lisboa: ed. Texto, 1993, p. 8-14. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>>. Acesso em: 10 abr/2006.

RODRIGUES, Georgete Medleg. A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasses e desafios atuais. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA**, XIV. 2006, Rio de Janeiro – RJ.

RODRIGUES, Georgete Medleg; MARQUES, Angelica Alves da Cunha. Questões sobre o Locus Acadêmico-Institucional da Arquivologia na Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, VI. 2005, Florianópolis - SC. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. Movimentos da Arquivística no processo de sua consolidação como disciplina: algumas considerações sobre *interdisciplinaridade*. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, II. 2006, Porto Alegre – RS. **Anais...** Porto Alegre: Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul, 2006.

POLITY, Yolla. La communauté scientifique des Sciences de l'Information. In: SFSIC, 2000, Paris: Université Pierre Mendès France, 2000. Disponível em: <http://www.iut2.upmf-grenoble.fr/RI3/TPS_acteurs_SI.htm>, acesso em ago/2006.

SILVA, Armando Malheiro da. et al. **Arquivística**: teoria e prática de uma Ciência da Informação. Edições Afrontamento, Porto, 1999.

NOTAS

¹ Esse questionário constituía-se de quatro partes: 1) identificação do informante; 2) identificação do curso; 3) identificação do corpo docente do curso; 4) avaliação do docente quanto ao vínculo departamental atual do curso de Arquivologia na sua universidade. As duas primeiras partes deveriam ser respondidas pelo coordenador do curso ou por algum professor que conhecesse bem a sua história. As duas últimas eram estendidas a todos os docentes.

² Definição do *WordReference.com English Dictionary* (WORDREFERENCE.COM English Dictionary. Princeton University, 2003. Disponível em: <www.wordreference.com/>, acesso em 12 abr. 2006).

³ As informações quanto à atual Tabela de Áreas do Conhecimento encontram-se disponíveis em: <<http://www.cnpq.br/areas/tabconhecimento/6.htm>>, acesso em ago/2006. Existe uma versão preliminar da nova Tabela das Áreas do Conhecimento, para discussão, que ainda não foi aprovada publicamente. Nessa versão, a Arquivística deixaria de ser subárea e apareceria como uma área da grande área das *Ciências Socialmente Aplicáveis*, independente da Ciência da Informação, conforme informações disponíveis em: <http://www.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>, acesso em ago/2006.

⁴ Segundo informações dos docentes dos cursos que responderam ao nosso questionário, alguns desses cursos não estão vinculados, institucionalmente, a nenhum departamento, como é o caso do curso da UniRio, que está no Centro de Ciências Humanas e Sociais; da UFF, onde os cursos são entidades autônomas, não vinculadas ou subordinadas a departamentos de ensino; da UFBA, onde existem dois departamentos que atendem ao curso de Arquivologia – o Departamento de Documentação e Informação e Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais, sem, contudo, haver vínculo institucional; e da UFRGS, onde o curso de Arquivologia não pertence a nenhum departamento, embora a maioria das suas disciplinas sejam oferecidas pelo Departamento de Ciência da Informação e sua criação tenha sido iniciativa desse mesmo Departamento. Em suma, as diversas situações apresentadas parecem refletir o próprio modelo estrutural das universidades onde os cursos se encontram.

⁵ O item ao qual nos referimos fazia parte da segunda parte do questionário e não foi respondido pela UFES. No caso da UFBA, a questão não procedia, pelas razões explicitadas na nota anterior.

⁶ Essas respostas foram obtidas conforme explicamos na nota n. 1 e optamos por não identificar seus autores na sua transcrição.

⁷ Informações disponíveis em:

http://www1.capes.gov.br/Scripts/Avaliacao/MeDoReconhecidos/Area/Programa.asp?cod_area=60700009&nom_area=CIÊNCIA%20DA%20INFORMAÇÃO&nom_garea=CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20APLICADAS&data=07/08/2006, acesso em ago/2006.

ANEXO I - QUADRO 1: CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL E SEUS VÍNCULOS INSTITUCIONAIS

Universidade	Departamento	Faculdade/Instituto/Centro	Ano de criação	Estado	Quantidade* de professores
UNIRIO	-	Centro de Ciências Humanas e Sociais/Escola de Arquivologia	1977**	RJ	22
UFSP	Documentação	Centro de Ciências Sociais e Humanas	1977	RS	9
UFF	-	Instituto de Arte e Comunicação Social	1979	RJ	***
UnB	Ciência da Informação e Documentação	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação	1990	DF	13
UEL	Ciências da Informação	Centro de Educação, Comunicação e Artes e Centro de Ciências Humanas	1997	PR	20
UFBA	-	Instituto de Ciência da Informação	1997	BA	24
UFRGS	-	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação	1999	RS	11
UFES	Ciências da Informação	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas	2001	ES	***
UNESP/Marília	Ciência da Informação	Faculdade de Filosofia e Ciências – Marília/SP	2003	SP	3

Fonte: elaboração própria, com base nos sítios das referidas universidades e no questionário encaminhado aos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia, em 2005-2006.

* O quantitativo desta última coluna tem de ser bastante relativizado em razão da dinâmica dos cursos, a qual propicia que os docentes, por questões contratuais, por acordos internos e/ou por afinidades, transitem nos diferentes cursos oferecidos pelos departamentos.

**Em 1977, o Curso Superior de Arquivo, que funcionava no Arquivo Nacional, foi incorporado à UNIRIO (à época, FEFIERJ).

*** Mesmo depois de diversas tentativas por correspondência eletrônica, tradicional e por telefone, a UFF e a UFES não responderam as duas primeiras partes do nosso questionário, impossibilitando-nos de apresentar a informação quanto ao número de docentes desses cursos.